**O JESUS APOCALÍPTICO – IMAGENS DO FINAL DOS TEMPOS**



Transfiguração de Cristo (1487-1495). Um quadro de Giovanni Bellini, atualmente no Museu Nacional de Capodimonte, em Nápoles (Itália).

**Mateus 17: 1-13**

1 Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu em particular a um alto monte. 2 E transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz. 3 E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. 4 E Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés, e um para Elias. 5 E, estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu. E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho, em quem me comprazo; escutai-o. 6 E os discípulos, ouvindo isto, caíram sobre os seus rostos, e tiveram grande medo. 7 E, aproximando-se Jesus, tocou-lhes, e disse: Levantai-vos, e não tenhais medo. 8 E, erguendo eles os olhos, ninguém viram senão unicamente a Jesus. 9 E, descendo eles do monte, Jesus lhes ordenou, dizendo: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem seja ressuscitado dentre os mortos. 10 E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro? 11 E Jesus, respondendo, lhes disse: Em verdade Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas; 12 mas vos digo que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem. 13 Então entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista.

**INTRODUÇÂO**

Quando falamos que as primeiras comunidades cristãs viram Jesus de Nazaré como um profeta, não podemos esquecer que este período é profundamente marcado também pela esperança apocalíptico-messiânica. O profetismo clássico dos judeus havia ficado para trás. Por isso aquelas comunidades viram em Jesus não apenas mais um profeta, mas o profeta ou um profeta como Moisés, tido como maior de todos entre os judeus. O profeta esperado pelos judeus se converge para apenas um profeta que seria o último da sua história. Este pensamento começa no Pentateuco, quando Moisés prediz que Deus levantaria outro profeta semelhante a ele: *“Iahweh, teu Deus, suscitará um profeta como eu no meio de vós, dentre os vossos irmãos, e vós o ouvireis”* (DT 18: 15 – Bíblia de Jerusalém).

Nesta linha de raciocínio, o profeta mais esperado era Elias que é identificado como aquele que prepararia o caminho de Iahweh. Este profeta apareceria e pregaria os últimos mistérios de Deus e a última oportunidade de arrependimento para a salvação, porém ele não seria um simples precursor do Messias, mas seria o próprio Messias. Moisés e Elias são um modo de falar de todo o Antigo testamento. Na Transfiguração de Cristo, Moisés personifica a Lei e Elias, o profetismo. Agora, na Nova Aliança, Jesus de Nazaré realiza o grande projeto de Iahweh. Podemos, então, afirmar que Jesus era recepcionado pelas primeiras comunidades cristãs como um grande profeta, semelhante a Moisés e Elias, mas superior a eles. Jesus não era apenas um profeta, mas o Profeta e o Messias esperado no fim dos tempos, um profeta apocalíptico.

Neste trabalho, vamos focalizar um dos momentos mais misteriosos do Novo Testamento, marcado por profundo simbolismo, qual seja, a Transfiguração de Cristo. Tomaremos como referências textuais o quadro da *Transfiguração de Cristo* do pintor renascentista italiano Giovanni Belinni e a narrativa do mesmo episódio no Evangelho de Mateus 17: 1-13. A obra de arte do século XV nos mostra a recepção do Cristo glorioso como era imaginado naquele contexto da Renascença. Moisés e Elias vieram ter com Jesus a fim de fortalecê-lo para enfrentar os dias difíceis que teria pela frente. Dias de prisão, julgamento e morte. Eles vieram ter com Jesus, representando o futuro reino de Deus a ser implantado pela morte de Cristo. Elias, representando os que serão transladados sem ver a morte. E Moisés representando os que após a morte, forem ressuscitados por Deus para vida eterna.

**A TRANSFIGURAÇÃO RENASCENTISTA**

O quadro *A Transfiguração de Cristo* é uma das maiores expressões artísticas da Escola de Veneza no final do século XV. Obra do pintor italiano Giovanni Bellini, ela mostra o Cristo glorioso em meio a uma ampla paisagem bucólica. É possível observar ao fundo um céu de azul em diferentes tons com muitas nuvens. Como que mãos apontando para o firmamento, encontramos rochas com seus picos pontiagudos do fundo. A paisagem natural demonstra o gosto do artista e do seu público por árvores, plantas, flores e formas arquitetônicas típicas da época. Chamam atenção os pormenores das roupas dos personagens, com suas dobras sofisticadamente trabalhadas (DEWIL, 2007).

O tema da Transfiguração era muito caro ao artista e pode-se imaginar que também o era por parte de uma elite da sociedade que valorizava a arte como modo de vida naquele tempo. A obra retrata os personagens de baixo para cima, elevando Jesus e os dois profetas acima da paisagem. O Cristo transfigurado, com suas vestes brancas rutilantes, quase translúcidas, em grande contraste com o escuro que predomina no seu entorno, encontra-se sobre um monte[[1]](#footnote-1), no centro da paisagem, de frente para o observador. Tem a seu lado as figuras de Moisés, com a mão direita estendida, e Elias, com a mão esquerda sobre o peito. Ambos cabisbaixos como que reconhecendo a superioridade do Cristo. Estão voltados para o Mestre, cujos braços abertos parecem abençoar. As três figuras encontram-se em simetria, que se amplia com a posição de uma árvore de cada lado.

Aos pés do Cristo e dos dois profetas encontram-se, no chão, os apóstolos Pedro, Tiago e João, visivelmente espantados. Pedro é o apóstolo do meio, ajoelhado, e trajando um manto vermelho. Tiago está à esquerda, com seu manto escuro, indicando um gesto de fuga, enquanto João, com seus cabelos cacheados, encontra-se à direita, sentado no chão, como se tivesse caído, e sem forças para se levantar. Eles também estão em simetria, que é quebrada apenas pelo tronco em frente a Tiago (DEWIL, 2007). A árvore cortada, sem folhas, flores e frutos, simbolizava a vida sem a presença de Jesus. A paisagem em volta é majestosa, com sua natureza humanizada e luz brilhante, vinda da esquerda, que reverbera por todos os lados.

Uma cerca em diagonal aparece à direita, em primeiro plano e, depois dela, é possível ver um abismo rochoso, separando o observador da cena sagrada, à sua frente. É a separação do mundo terreno do divino. Ao fundo, à direita, são vistas edificações, estradas, campos e montes. À esquerda, ao fundo, grande parte dos elementos encontra-se no escuro, pois a sombra da noite ali já chegara. Ainda assim é possível vislumbrar um castelo ou um mosteiro. Outras cenas acontecem em volta do grupo central, enquanto as sombras da noite não caem: um homem conduz seu boi e seu bode; uma rês branca está deitada ao lado da estrada; um pastor leva seu rebanho de volta para casa; dois homens, ou frades, conversam despreocupadamente, sem se aperceberem do que está acontecendo (DEWIL, 2007).

**A TRANSFIGURAÇÃO EM MATEUS 17: 1-13: A FIGURA DE MOISÉS**

A Transfiguração de Cristo pode ser entendida como uma viagem celestial de Jesus, semelhante àquelas que encontramos em várias narrativas apocalípticas. Podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que tanto os evangelhos sinópticos, quanto as cartas de Paulo são matizados, em um grau significativo, por uma visão de mundo apocalíptica. Se o próprio Jesus partilhava dessa visão de mundo é uma das questões mais acirradamente debatidas nas pesquisas do Novo Testamento (COLLINS, 2010, p. 365-366). Mais recentemente, a maioria dos estudiosos entende que passagens claramente apocalípticas, como Mateus 17: 1-13, são criações da Igreja nascente. De qualquer forma, as esperanças escatológicas dos Evangelhos estão baseadas em formas e linguagem que refletem sua origem em um movimento popular na Galileia.

O Evangelho de Mateus na Galileia foi, como defende Paulo Roberto Garcia, fruto de uma comunidade judaico-cristã, escrito entre os anos 80 e 90 d.C. e participante de um embate teológico sobre o verdadeiro judaísmo. São dois grupos judaicos em debate. De um lado, temos o judaísmo formativo, que tem a sinagoga como seu lugar de reunião e a Lei como referência religiosa, encontrando nela o caminho para o perdão dos pecados. Do outro lado, temos os judeu-cristãos de Mateus, que têm na casa seu lugar de reunião e em Jesus sua referência de fé e de perdão de pecados (GARCIA, 2010). Após a destruição do Templo de Jerusalém no ano 70 d. C., esses dois grupos têm um embate na busca de se consolidar como o verdadeiro povo de Deus. Moisés ocupava o centro desse debate:

O Evangelho de Mateus quer fortalecer sua comunidade nesse embate teológico, oferecendo aos participantes dela, em especial aos que são influenciados pelo pensamento da sinagoga, elementos teológicos que apontem Jesus não só como o verdadeiro intérprete da Lei, mas como aquele que perdoa os pecados. Desse modo, o evangelho tem duas ênfases importantes: a interpretação da Lei e a figura de Moisés. (GARCIA, 2010, p. 56).

Há, para os dois grupos uma valorização muito grande da figura de Moisés. Para o grupo da sinagoga, eles eram portadores da tradição oral da Lei (a Torá oral), dada por Moisés aos fiéis intérpretes como um complemento à Lei escrita. Assim, somente as lideranças ligadas à sinagoga e às casas dos rabinos intérpretes da Lei teriam a autorização para determinar o certo e o errado em torno dela.

Simbolicamente, o aparecimento de Moisés e Elias[[2]](#footnote-2) na Transfiguração do Cristo representava a Lei e os Profetas. Esse aparecimento teria sido possível pelo fato de que Elias fora transladado ao céu, sem passar pela morte (2 Reis 2: 9-12), e Moisés, previamente ressuscitado dos mortos e levado ao céu, como se sugere em Judas: 9, certamente inspirado no livro apócrifo *A Assunção de Moisés*. Entretanto, a voz de Deus do céu - "Ouçam a Ele!" - mostrou claramente que a Lei e os Profetas deviam dar lugar a Jesus. Aquele que é o novo e vivo caminho está substituindo o antigo. Ele é o cumprimento da Lei e das inúmeras profecias no Antigo Testamento. Além disso, em sua forma glorificada, os discípulos tiveram uma breve visualização da sua glorificação vindoura.

Já para o grupo de Mateus, Jesus era um novo Moisés. Por isso o evangelho reconta a tradição oral acerca dos gestos e palavras de Jesus, tendo como pano de fundo a vida de Moisés. Ele é salvo de uma matança; vai para o Egito; volta do Egito; proclama uma nova lei em um sermão proferido no monte; proclama cinco sermões e, ao final da sua existência terrena, antes de sua ascensão, envia os discípulos a partir de um monte. Com isso temos Jesus como aquele que é o fiel intérprete de Deus e, mais do que isso, um novo Moisés a orientar a vida de fé de seu povo (GARCIA, 2010).

Segundo a apresentação de Mateus, diferente das de Marcos e Lucas, Jesus transfigurado se apresenta, sobretudo, como o novo Moisés que se encontra com Deus sobre o novo Sinai entre as nuvens, com o rosto reluzente, assistido por duas personagens do Antigo Testamento que tiveram o privilégio das revelações no Sinai. A voz celeste ordenava que o ouvissem como ao novo Moisés e os discípulos se prostraram reverentes diante do Mestre. É verdade que sua glória, naquele momento, era transitória, porque era também o “Servo” que devia sofrer e morrer, exatamente como o seu Precursor, antes de entrar definitivamente na glória pela ressurreição (Bíblia de Jerusalém).

Mas Paulo Roberto Garcia nos chama a atenção para a importância da figura de Moisés como personagem apocalíptico para todo o Novo Testamento e, em especial, para o Evangelho de Mateus. No primeiro século, Moisés era uma figura importantíssima para as comunidades judaico-cristãs. E vemos a sua importância até mesmo nos livros extra-canônicos. Nesse sentido, Mateus narra a vida de Jesus tendo como modelo a vida de Moisés, utilizando uma estrutura de texto que coloca Jesus em paralelo com ele, que dialoga com a sua tradição e com as suas tradições apocalípticas.

Na assunção de Moisés, por exemplo, o justo morre pelos pecadores, assim como acontece com Jesus. Em Mateus, a morte de Jesus, a erupção do Reino de Deus, é um evento apocalíptico: a terra treme, o céu se fende, os mortos ressuscitam e entram na Jerusalém, etc. Mas esta é a Jerusalém celeste, mais uma vez aqui se trata de uma viagem celestial apocalíptica. O Jesus que aparece em Mateus é o Jesus que aparece forjado a partir das imagens da assunção de Moisés. Paulo Roberto Garcia destaca o fato de que se sobressai em Mateus não um Jesus ligado a um Moisés da Lei, mas sim a um Moisés apocalíptico. A assunção de Moisés é uma tradição que se associa aos escritos extracanônicos apocalípticos da época. Mateus está profundamente ligado a este imaginário apocalíptico e à construção do imaginário de Jesus.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os discípulos nunca esqueceram o que acontecera naquele dia na montanha (GOTQUESTIONS?ORG, 2011). João escreveu em seu evangelho: *"Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade”* (João 1: 14). Pedro também escreveu na sua epístola: *“De fato, não seguimos fábulas engenhosamente inventadas, quando lhes falamos a respeito do poder e da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo; pelo contrário, nós fomos testemunhas oculares da sua majestade. Ele recebeu honra e glória da parte de Deus Pai, quando da suprema glória lhe foi dirigida a voz que disse: ‘Este é o meu filho amado, em quem me agrado’. Nós mesmos ouvimos essa voz vinda do céu, quando estávamos com ele no monte santo"* (2 Pedro 1:16-18).

O ponto mais difícil de compreender e aceitar para aquela comunidade de Mateus é o de que o triunfo acontece através do aparente fracasso, de que a justiça é vitoriosa através da aparente vitória da injustiça, de que a vida triunfa através do aparente trinfo da morte. A lógica racionalista dos gregos era diferente da lógica de Deus. Ele vê tudo, os homens veem apenas uma parte. Jesus é o Messias esperado, mas um Messias que vai realizar a vontade do Pai através do aparente fracasso e derrota, julgado, condenado e morto como criminoso e subversivo da ordem social (cf. Storniollo). A Transfiguração do Cristo é uma dramatização que quer contar e resumir toda aquela lógica de Deus e utiliza para isso de imagens apocalípticas muito próprias do primeiro século.

Aqueles que testemunharam a Transfiguração deram o seu testemunho aos outros discípulos e a incontáveis milhões através dos séculos. Foi algo impactante, que marcou não apenas a comunidade nascente em torno de Mateus, mas continuou impactando os seguidores do movimento de Jesus através dos séculos, chegando até a Renascença. Neste momento, o Cristo glorioso dos evangelhos é reinterpretado de acordo com os novos padrões artísticos, com as novas cores e tons, bem ao gosto de uma plateia que vivia o rompimento com as estruturas medievais. Mas continua tão impactante como 1.400 anos antes, em um profundo diálogo entre a fé e a arte através da recepção da mensagem pelo leitor, pelo expectador e pelo público.

**REFERÊNCIAS**

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008.

COLLINS, John J. A Imaginação Apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 2010.

DEWIL, René. The Transfiguration. Publicado em 2007. In <<http://www.theartofpainting.be/AOP-Transfiguration.htm>> Acessado em 12/nov/2017.

GARCIA, Paulo Roberto. Sábado: a Mensagem de Mateus e a Contribuição Judaica. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

GOTQUESTIONS?ORG, 2011. Por que Jesus foi transfigurado enquanto falava com Moisés e Elias? Disponível em <<https://www.gotquestions.org/Portugues/transfiguracao.html>> Acessado em 08/nov/2017.

OVERMAN, J. A. Igreja e Comunidade em Crise – O Evangelho Segundo Mateus. São Paulo: Edições Paulinas, 2000.

STORNIOLLO, Ivo. Como ler o Evangelho de Mateus. São Paulo: Paulus, 2014.

1. Afirma a Bíblia de Jerusalém que este monte era o Tabor, segundo a tradição da Igreja. Alguns pensam no monte Hermon, ou no Carmelo, mas é, sobretudo, uma montanha simbólica, um novo Sinai, em que se realiza uma nova revelação escatológica. [↑](#footnote-ref-1)
2. Os judeus esperavam a volta de Elias, o pai dos profetas, que iria preparar tudo para o Reino de Deus. Os discípulos consultavam Jesus se ele era Elias. Era uma forma de saber algo de Jesus. Seria ele mesmo quem iria trazer o Reino de Deus? Jesus chega a confirmar: Elias já tinha vindo, na pessoa de João Batista, que pedia conversão de vida e transformação das situações. Mas o que a sociedade e o Estado fizeram? Mataram-no como fariam também com Jesus, porque este também incitava mudanças tão profundas que foi preferível acabar com ele, para não ter que deixar os próprios caprichos (Cf. STORNIOLLO, 2014, p. 124). [↑](#footnote-ref-2)